

Um Olhar Reflexivo sobre as Cidades Latino-americanas dos Séculos XVI a XIX

Reflecting Upon Latin-American Cities from the XVI and XIX Centuries

Márcia da Costa Rodrigues de Camargo*

*Arquiteta urbanista; doutoranda do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (Unb); professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins.

Recebido em 10.02.14

Aceito em 01.03.14

RESENHA

Fania Fridman (org.). *Cidades do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. 180 p. Bibliografia, Índice. ISBN 9788576172956.

A reflexão coletiva histórico-geográfica e arquitetônica sobre o nascimento das cidades latino-americanas é o foco central deste livro. A obra é organizada por Fania Fridman, economista, professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora do Grupo de Estudos do Território e de História Urbana. O volume é uma coletânea de seis textos apresentados no “III Encontro Cidades Latino-americanas do século XVI ao XIX”, realizado em 2012. O evento foi idealizado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio do Grupo de Estudos do Território e de História Urbana. Reuniram-se historiadores, geógrafos, sociólogos, arquitetos e economistas, no intuito de abrir uma discussão interdisciplinar sobre o nascimento das cidades latino-americanas a partir da chegada dos europeus na América Latina.

A coletânea abrange temas como a importação de modelos urbanísticos europeus, a segregação residencial e o processo de periferização, o ordenamento territorial imposto e a formação das sociedades desde o período colonial. Vale ressaltar que o texto registra uma homenagem póstuma ao geógrafo Maurício de Almeida Abreu (1948-2011), do Núcleo de Pesquisa de Geografia Histórica, do Instituto de Geociências da UFRJ, mentor e coordenador dos dois eventos anteriores.

A obra focaliza a história da colonização espanhola, portuguesa e francesa no continente latino-americano. Esta considera que o ponto fundamental que diferencia

diferentes nacionalidades e disciplinas. São eles: Catherine Tucker, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Indiana; Charles Schweik, professor do Departamento de Conservação de Recursos Naturais e do Centro para Política e Administração Pública da Universidade de Massachusetts (E.U.A.); Darla Munroe, professora do Departamento de Geografia da Universidade de Ohio (E.U.A.); David Welch, professor da SPEA, da Universidade de Indiana; Dawn Parker, professora do Departamento de Ciências Sociais Computacionais da Universidade George Mason (E.U.A.); Dengsheng Lu, pesquisador em Ciências Florestais e da Vida Silvestre na Universidade de Auburn (E.U.A.); Eduardo Brondízio, professor do Departamento de Antropologia e diretor assistente do ACT da Universidade de Indiana; Eric Keys, especialista em Populações e Questões agrárias do México e professor do Departamento de Geografia da Universidade da Flórida (E.U.A.); Glen Green, especialista em Sensoriamento Remoto; Harini Nagendra, especialista em Ecologia e Meio Ambiente e membro da Academia de Ciências da Índia; Jane Southworth, professora do Departamento de Geografia da Universidade da Flórida; James Randolph, diretor de programas de doutorado em Ciência Ambiental no Centro Regional do Meio-Oeste do Instituto de Mudanças Ambientais Globais (Nigec) e professor do Departamento de Biologia da Universidade de Indiana; Jon Unruh, professor do Departamento de Geografia da Universidade McGill (Canadá); Jonathon Belmont, gerente da Divisão Ambiental da *QuinetiQ North America*; Leah VanWey, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Indiana; Nathan Vogt, especialista em Questões Amazônicas pelo Centro Internacional de Pesquisa Florestal (Cifor); Paul Mausel, professor do Departamento de Geografia da Universidade de Indiana; Theresa Burcsu, ecóloga do Laboratório Portland de Ciências Florestais do Serviço Florestal do Departamento de Agricultura Norte-Americano (USDA); Tom Evans, professor do Departamento de Geografia da Universidade de Indiana (E.U.A.) e codiretor do Cipec; Vicky Meretsky, professora da SPEA e do Departamento de Biologia da Universidade de Indiana e da Universidade do Arizona; e Willian McConnell, diretor do Centro para Integração e Sustentabilidade de Sistemas da Universidade de Michigan (E.U.A.).

Além da parte introdutória, que abarca os Capítulos 1 e 2 e explica a complexidade do estudo das interações entre os humanos e as florestas e as teorias subjacentes a esse estudo (Parte I – “Interações homem-ambiente”), o livro está dividido em outros 13 capítulos, agrupados em três grandes temas. O primeiro tema é abordado em três capítulos: os “Fundamentos conceituais para as análises homem-ambiente em ecossistemas florestais”. Estes apresentam, como o título indica, conceitos e teorias utilizados para a compreensão dos novos desafios da dinâmica humanos-ambiente. Dentre estes, destaca-se a questão da escala espaço-temporal e o contexto sobre o qual se trabalha, além das teorias estruturais sobre mudanças populacionais e ambientais. São teorias que englobam desde os trabalhos de Malthus e os seus escritos sobre controles de crescimento populacional até os conceitos de ação coletiva, escolha racional e capital social, utilizados para explicar como as pessoas usam ou não os recursos florestais. Há também, nesse primeiro grupo de artigos, a aplicação de outras abordagens teórico-metodológicas, tais como as Teorias de Dependência, de Forças Econômicas, de Políticas Governamentais e de Ciclos de Vida.



as cidades latino-americanas em relação às europeias é que as primeiras foram erigidas em terras habitadas, sobre núcleos urbanos de culturas muito diferentes, onde os novos espaços urbanos moldaram-se às regras e aos símbolos importados da Europa colonizadora. É com esse olhar que os autores escrevem sobre os modelos urbanísticos importados, como a quadrícula, que desenha o espaço urbano de forma geométrica; e a segregação residencial e a periferização, que revelam a dinâmica social imposta às cidades coloniais. Como escreve Fridman (2013, p. 8), se a América era idealizada pelos europeus como um paraíso terrestre, a implantação das cidades seguiu um modelo urbanístico que atendia ao projeto civilizatório de dominação de determinados grupos europeus, que idealizaram e implantaram a Nova Lusitânia, a Nova Inglaterra, a França-América e a Nova Holanda.

O livro inicia com o texto do historiador Thomas Calvo. Ele desenvolve o seu tema com um recorte entre os séculos XVI e XVII, focalizando as cidades indígenas da Nova Espanha. Esse autor afirma que, entre 1520 e 1630, 90% da população indígena desapareceram como consequência da opressão hispânica. Os indígenas remanescentes foram agrupados e usados dentro de um mecanismo de dominação. Nessa configuração, nasceram as duas repúblicas, dando origem às cidades hispânicas e às cidades indígenas. Poucas cidades nativas, genuínas, permaneceram, entre estas Tlaxcala, Cholula e Paatzcuaro. O urbanismo ibérico utilizou-se da quadrícula e segregou os indígenas nos bairros periféricos. O autor considera que, se o século XVI foi de uma tragédia sem igual, o século XVII fora o da equidistância para os povos autóctones, que ficaram entre um passado aniquilado e a parte que sobreviveu, em direção a um futuro difuso.

O geógrafo Roberto Lobato Corrêa analisa os padrões espaciais que deram origem à segregação residencial e à periferização nas cidades latino-americanas. Corrêa afirma que o plano de tabuleiro de xadrez, que orientou o traçado da maioria das cidades, com base na Praça das Armas, consolidou a rigidez da localização dos grupos sociais e criou a segregação entre o centro e a periferia. Mudanças radicais nas cidades aconteceram devido ao desenvolvimento industrial, a partir dos séculos XIX e XX. Cidades como Buenos Aires, Bogotá, Lima, México, Rio de Janeiro, Santiago e Caracas sofreram transformações nas suas áreas centrais. Mudanças no significado atribuído à natureza e no modo de vida das classes altas e médias geraram a especulação sobre a terra, principalmente nas proximidades do mar ou das montanhas, para onde as paisagens cênicas e o clima ameno atraíram a elite. O autor sugere que a situação da crescente população mestiça nas cidades hispano-americanas e as problemáticas da etnicidade e do escravismo deveriam ser estudados com maior profundidade. Corrêa conclui que a segregação é visível na complexidade da qualidade urbana nas cidades latino-americanas.

Com uma temática mais singular, o historiador Laurent Vidal debruça-se sobre a colonização francesa e a sua influência sobre a criação de cidades latino-americanas. A França fundou apenas 41 cidades no Novo Mundo, entre os séculos XVII e XVIII, em comparação com as 969 vilas e cidades espanholas e as 222 de origem portuguesa. A política de urbanização dessas cidades coloniais francesas é descrita em detalhes, com apoio de mapas da época. O papel do engenheiro do rei

Finalmente, ressalta-se o cuidado dos organizadores em apresentar, ao final da obra, um glossário com mais de oitenta termos e expressões utilizadas, de forma a facilitar o entendimento por parte do leitor não familiarizado. Percebe-se, assim, e ao longo de toda a obra, que o entendimento das interações entre os humanos e os ecossistemas florestais ainda tem um longo caminho pela frente. Trata-se de uma questão complexa, devida, em grande parte, à velocidade com que as mudanças ambientais atuais são processadas e ao tempo exigido para o desenvolvimento de alternativas para o uso sustentável das florestas. Mesmo que não seja uma obra recente, que traga dados atualizados, é uma fonte de consulta que serve de referência tanto para os que se iniciam no assunto quanto para os que pretendem se aprofundar na temática.

